

ORGANIZADORAS

Emiliana Faria Rosa
Luciane Lopes Bresciani

APRENDER, DEBATER E PRATICAR

temáticas para a disciplina
de Língua Brasileira
de Sinais no Ensino Superior

ORGANIZADORAS

Emiliana Faria Rosa

Luciane Lopes Bresciani

APRENDER, DEBATER E PRATICAR

temáticas para a disciplina
de Língua Brasileira
de Sinais no Ensino Superior

| São Paulo | 2024 |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patrícia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patrícia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Biegging
Estagiária	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	Irina_Timofeeva - Freepik.com
Tipografias	Acumin
Revisão	Edson Leonel de Oliveira
Organizadoras	Emiliana Faria Rosa Luciane Lopes Bresciani

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



4

*Juliana de Oliveira Pokorski
Luciana Rodrigues de Medeiros*

**TRAJETÓRIAS
DOCENTES:
ENTRE TORNAR-SE SURDA
À DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR**

INTRODUÇÃO

[...] a surdez é uma presença no corpo daquele que não ouve. Uma presença que agrega valor de pertencimento a uma comunidade linguística em particular, que compartilha uma forma de vida surda (Vieira-Machado; Lopes, 2016).

Para iniciar este texto, valemo-nos das palavras de Vieira-Machado e Lopes (2016, p. 636) na apresentação da seção temática *Educação de Surdos: desdobramentos filosóficos, linguísticos e pedagógicos*, publicada pela revista *Educação & Realidade*, de modo a destacar que nestas páginas compreendemos que, embora os corpos surdos tragam marcas de histórias de correção, ao longo de sua história a surdez também foi condição primordial para identificação de um grupo, que se centraliza na experiência visual e na língua de sinais.

Como é bem sabido, desde a última década do século passado até o presente, os surdos vêm em um crescente gradiente de conquista de seus direitos. Hoje, além de terem a língua de sinais reconhecida como língua dos surdos brasileiros, formam-se em distintos cursos nas universidades brasileiras, prestam concursos públicos, ensinam a sua língua para interessados em aprendê-la, orientam pesquisadores que estão iniciando suas vidas acadêmicas nas universidades, participam ativamente da produção bibliográfica sobre os sujeitos surdos, militam nas ruas, fazem políticas, definem práticas educacionais, exigem intérpretes de qualidade nas instituições, etc. (Vieira-Machado; Lopes, 2016, p. 635).

Dentre as importantes conquistas apontadas pelas autoras, o reconhecimento legal da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em nível nacional, no ano de 2002, e a regulamentação da Lei através do Decreto 5626/2005 recebem centralidade. Em meio às diversas ações previstas pelo referido decreto, destacamos, neste texto, o seu Art. 3º, que versa sobre a inserção obrigatória da disciplina de Libras nos currículos dos cursos de formação de professores e nos cursos de Fonoaudiologia.

A existência da disciplina de Libras nas universidades, no entanto, para além de possibilitar a difusão dessa língua em níveis sem precedentes, trouxe para dentro do espaço acadêmico um número relevante de docentes surdos, que mobilizam encontros de saberes, experiências, línguas e até mesmo modificam a própria dinâmica do ambiente universitário. A presença de docentes surdos no Ensino Superior provoca uma série de reações devido às diferenças culturais e linguísticas, que acarretam em consequências tanto para surdos como para ouvintes. A entrada desses docentes no ambiente universitário, como descreve Flaviane Reis (2015) em sua tese, fortalece a comunidade surda, ao possibilitar a afirmação de suas identidades enquanto docentes e pesquisadores.

Flaviane Reis destaca que, até 2015, havia 174 professores surdos em instituições públicas de Ensino Superior em todo o Brasil. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2023, ano em que este texto é produzido, 11 docentes surdos atuam, sendo a maioria deles vinculada à Faculdade de Educação (FACED), onde a disciplina de Libras é ministrada para todos os cursos da universidade.

Foi na FACED que tivemos os primeiros docentes surdos da universidade, e é o espaço onde até hoje temos o maior número de servidores surdos lotados. O prédio que é o símbolo da educação dentro da nossa universidade é azul, mesmo azul que simboliza o orgulho da comunidade surda¹³. A cor pode ser uma coincidência, mas o apoio em defesa da educação bilíngue e da presença dos surdos no meio acadêmico é um fato.

Na década de 1990, as primeiras mãos começaram a se movimentar dentro desse prédio azul, local que testemunhou marcos significativos na história dos surdos no Brasil. O Núcleo de Pesquisas

13 Segundo o site <https://setembroazul.com.br>, a simbologia faz referência à Segunda Guerra Mundial, quando as pessoas com deficiência, e portanto os surdos, eram sinalizadas com uma faixa azul no braço. Essa marca histórica de sofrimento hoje é encarada como símbolo de orgulho e resistência pela comunidade surda.

em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES) surgiu como um dos pioneiros no campo dos Estudos Surdos (Lopes, 2017). O fortalecimento das pesquisas do grupo, articulado à consolidação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), reuniu em um mesmo território um movimento que tomou força nacional e internacional com a realização do III Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para surdos, em 1999.

Esse congresso, realizado na UFRGS, reuniu tanto ouvintes quanto representantes surdos de várias partes do Brasil e do exterior, marcando um ponto crucial na história da comunidade surda. Ele levou ao desenvolvimento de políticas públicas e iniciativas para melhorar o acesso à educação. Um destaque desse evento foi a criação coletiva do documento *Que educação nós surdos queremos?*, que reivindicava direitos e políticas educacionais bilíngues.

A FACED - UFRGS desempenhou um papel importante nesse cenário, formando a primeira mestre e doutora surda do Brasil, Gladis Perlin, e, posteriormente, abrigando um polo do Curso de Letras - Libras a distância, um dos primeiros cursos de formação de docentes e intérpretes de Libras em nível superior.

A FACED também é o cenário a partir do qual produzimos o presente texto, no qual observamos a presença de três mulheres surdas na Faculdade de Educação da UFRGS e sua trajetória até a chegada nesse espaço. O objetivo deste estudo é analisar narrativas que descrevem como essas mulheres se tornaram professoras na UFRGS, identificando aspectos comuns e singulares de suas jornadas. Ao lançar luz sobre essas trajetórias de vida, destaca-se a influência da escolarização em suas carreiras, bem como as percepções das docentes sobre identidades e culturas surdas no Ensino Superior.

Para a produção dos dados, utilizaram-se materiais públicos, como teses, dissertações e vídeos oriundos de projetos de extensão. O contexto legal e conquistas recentes das comunidades surdas foram consideradas nesta análise qualitativa. As histórias de vida

das docentes ofereceram reflexões sobre como as conquistas legais impactam suas vidas e nos fornecem uma lente para pensar tantas outras formas de existência surdas.

NARRATIVAS SURDAS: UM RECORTE

*Quem não tem, por acaso, voz? Quem não grita?
Não, não é dar a voz: é escutá-la ali, onde já se fazia presente
(Skliar, 2019).*

Novamente escolhemos algumas palavras que introduzem nossa escrita, como um convite a perceber o valor de olhar para as narrativas de si produzidas pelas pessoas surdas. Não no sentido de dar voz a essas narrativas, mas sim dar-lhes centralidade, atenção, colocá-las em foco, dar espaço para que sigam dizendo, reverberando.

O presente artigo baseia-se em uma pesquisa (Medeiros, 2022) realizada durante o período de isolamento devido à pandemia de Coronavírus. Durante esse tempo complexo houve aumento significativo em seminários, palestras e cursos virtuais, que se tornaram importantes espaços para o compartilhamento de saberes e narrativas.

O artigo concentra-se na análise de narrativas de três professoras da FACED: Bianca Ribeiro Pontin, Camila Guedes Guerra e Erika Vanessa de Lima Silva. A escolha por essas três docentes se deu em decorrência de alguns critérios: todas estão lotadas na FACED e realizaram a sua pós-graduação nessa mesma instituição, além disso todas produziram narrativas em entrevistas de projetos de extensão que subsidiaram a presente pesquisa.

Para a busca das narrativas para análise, utilizaram-se vídeos de diversos projetos de extensão desenvolvidos por docentes da UFRGS nesse período pandêmico: *Setembro Azul: narrativas de surdidades*; *Mudança de Estado: na busca de uma educação em língua de sinais como L1*; *Quartas Online na FACED: presenças Surdas na UFRGS: conquistas, desafios e sonhos*; *Diálogos com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS*. Além desse vasto material virtual, também nos subsidiaram as análises das teses e dissertações das três docentes surdas escolhidas.

O projeto *Setembro Azul: narrativas de surdidades*, liderado pela professora Bianca Pontin em setembro de 2021, consistiu em três encontros mediados por Bianca, Camila e Erika. Esses encontros exploraram as experiências surdas em contextos acadêmicos no cotidiano e a relação dos surdos com o mundo. O objetivo do projeto foi divulgar aspectos da cultura e história do povo surdo e da Libras.

O projeto *Diálogos com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS*, coordenado por Erika Vanessa em 2020, visou compartilhar conhecimentos gerados por acadêmicos surdos com a comunidade acadêmica e o público em geral. Além de apresentar a produção acadêmica surda em níveis de pós-graduação, o projeto serviu como espaço para compartilhar experiências entre os participantes, abordando os desafios e oportunidades de ser um pesquisador surdo.

Os vídeos do Quartas na FACED Online são uma adaptação para o virtual do projeto Quartas na FACED¹⁴, que se constitui por palestras, mesas-redondas e debates envolvendo temáticas relevantes para a formação docente. Em setembro de 2021, versou sobre a temática *Presenças Surdas na UFRGS: conquistas, desafios e sonhos*, em que as participantes, professoras e estudantes surdas da

14

Mais informações podem ser encontradas no site <https://www.ufrgs.br/faced/quartasna-faced/>. Acesso em 25 abr. 2022.

pós-graduação abordaram a história de conquistas do movimento surdo e a relação da FACED na defesa dos seus direitos.

Nos vídeos do projeto *Mudança de estado: Na busca de uma educação em língua de sinais como L1*, produzidos em 2021 sob a coordenação geral do professor Cristiano Vaz, é possível encontrar relatos mais intimistas de pessoas surdas que vieram de outros estados para o Rio Grande do Sul em busca de uma educação que respeitasse a sua primeira língua. Por meio de narrativas detalhadas do caminho que percorreram desde a descoberta do ser surdo até o momento em que se encontram em um ambiente que reconhece e utiliza a língua de sinais, o projeto possibilitou o compartilhamento de narrativas que têm em comum a busca pela formação e pela comunicação que ultrapassa fronteiras.

A simples apresentação dos materiais utilizados na produção dos dados deste estudo revela o impacto significativo da presença da comunidade surda no ambiente acadêmico. Essa influência se estende a todos os pilares da vida acadêmica: no ensino, a língua de sinais desempenha um papel fundamental; na extensão e na pesquisa, tópicos relacionados à comunidade surda e à educação de surdos ganham maior destaque e atenção.

Foi notável perceber que, nas narrativas desses vídeos, havia várias semelhanças, a ponto de, por vezes, um trecho de uma fala poder ser facilmente associado ao relato de qualquer uma das participantes. Essa uniformidade nas narrativas e a descrição de sentimentos e situações tão semelhantes apontam para uma circunstância interessante: apesar de serem indivíduos distintos, todas compartilham a experiência de serem surdas em um mundo predominantemente voltado para ouvintes, o que deixa marcas profundas em sua forma de interagir com o mundo.

Essas recorrências na vida dos surdos estão relacionadas ao fato de que “[...] a maioria dos surdos tem pais ouvintes, e a maioria

desses pais não utiliza a língua de sinais. Portanto, muitos surdos não têm acesso à língua visual durante seu crescimento, o que dificulta a obtenção de informações em seu ambiente doméstico” (Holcomb, 2011, p. 140). Nesse sentido, a cultura surda se apresenta como uma resposta, entre outros aspectos, para enfrentar de maneira eficaz um mundo habitado por pessoas cujas experiências são diferentes das suas.

Este estudo se concentra nas semelhanças e diferenças nas trajetórias das professoras surdas, reconhecendo-se a importância de abordar suas individualidades para desafiar estereótipos e destacar os aspectos compartilhados na cultura e comunidade surda.

Bianca, por exemplo, foi criada por uma mãe surda, com quem conversava em Libras desde criança, e uma avó ouvinte. Usa aparelho auditivo desde os seis anos de idade e seus relatos expressam seus anseios em ser surda vivendo experiências entre os ouvintes. Tanto Erika quanto Camila, por outro lado, cresceram em uma família inteiramente composta por ouvintes, na qual ninguém sabia Libras, e passaram pelo processo compulsório de oralização, desde muito jovens.

Bianca é uma presença surda na UFRGS desde 2009, possui graduação em Letras-Libras, formação também compartilhada por Erika. Em sua tese de doutorado em Educação, conta um pouco sobre a experiência na comissão de políticas afirmativas do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), programa este, que desde 2017, conta com reserva de vagas para negra(os), indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência, travestis e transexuais, e surdas/surdos¹⁵.

15

Os surdos passam a ser citados como um grupo específico, deixando de ficarem subentendidos como pessoas com deficiência, somente no edital de seleção do ano de 2020, proposto a partir da resolução 001/2019 (Pokorski, 2020).

A professora Erika, vinda de Maceió, percorreu um longo caminho até seu mestrado na UFRGS. Sua trajetória inclui momentos conturbados em escolas de inclusão, mudança sozinha para o Rio Grande do Sul em busca de um ensino bilíngue, graduação em Pedagogia e Letras-Libras. Sua dissertação, que teve como tema narrativas de professores surdos sobre a escrita de sinais, traz diversas análises acerca da educação escolar bilíngue para surdos.

A professora Camila, que também se mudou do Nordeste para o Rio Grande do Sul em busca de uma educação bilíngue, conta com uma trajetória semelhante à da professora Erika. Após seu primeiro contato com a comunidade surda, no último ano do seu Ensino Médio, começou a aprender Libras. A partir de então surgiu-lhe a vontade de cursar uma graduação em uma universidade com acessibilidade e foi-lhe apresentada a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), onde se formou bacharel em Sistemas de Informação.

Formada em Sistemas de Informação e atualmente doutora em Educação pela UFRGS, Camila tem como tema de suas pesquisas o uso de plataformas de ensino digital por surdos. Em sua dissertação, teve como foco o curso de Letras-Libras na modalidade à distância oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e no seu doutorado teve por objetivo contribuir para a ampliação de padrões de acessibilidade *Web*.

Os currículos das professoras refletem suas experiências de vida, influenciando suas escolhas de pesquisa e áreas de atuação. A presença surda no ambiente acadêmico é politicamente relevante e busca promover mudanças nas vidas das novas gerações surdas. Como docentes e pesquisadoras, as pessoas surdas estão modificando o cenário acadêmico, introduzindo a Libras e a comunidade surda, seja como objeto de estudo ou público-alvo de projetos e atividades de extensão.

EDUCAÇÃO ESCOLAR: DA EXPERIÊNCIA DISCENTE AOS MODOS DE SER DOCENTE EM UMA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A vivência escolar destacada nas narrativas é muito parecida. Uma escolarização marcada por um ensino oralizado no qual a comunicação plena e o aprendizado eficaz não existiam, tal como fica evidenciado no excerto a seguir:

Fiquei em recuperação sem saber o significado disso. Fui à escola para me despedir, o professor me disse: 'por que tu não veio fazer a prova?'. Eu respondi que já tinha feito tudo. E ele, 'mas tu está de recuperação'. E eu, 'o que é recuperação?'. Silêncio, os colegas ficaram brabos com o professor e ele olhou para mim, balançou a cabeça e disse: 'tudo bem. Não precisa mais fazer. Boas férias!'. Então, passei de ano! Naquele momento entendi que não havia passado, que eu tinha mais uma chance e que, por problemas de comunicação, ele ficou com pena de mim. Um misto de raiva e alívio. Raiva por não ter entendido e alívio por ter passado (Pontin, 2021, p. 23).

Esse processo de escolarização disfuncional produziu prejuízos, como no caso da professora Erika, que, da terceira até a oitava série, estudou em escolas que não possuíam intérpretes, nem colegas surdos. A falta de uma metodologia adequada fazia com que se colocasse na estudante a culpa pelo não aprendizado, dessa forma Erika demorou 16 anos para concluir o Ensino Fundamental.

Eu sempre via todos passando de série enquanto eu continuava na mesma. Eu não entendia o motivo e ninguém me explicava. Só depois de adulta eu fui entender que na verdade não é porque eu repetia de ano e sim porque o conteúdo era ensinado de forma oral, então um ano era usado para me acostumar com a oralidade e, o segundo ano, para realmente aprender a disciplina (Erika - vídeo Mudança de estado)

A falta de uma convivência com modelos surdos lhes impossibilitava de enxergar a si mesmas no futuro como sujeitos completos, como profissionais, ou até mesmo como adultas surdas, como relata Erika no excerto a seguir:

Tinha medo inexplicável (pânico). Só conhecia os colegas surdos. Não conhecia nenhum adulto surdo, então achava que surdos não ficavam velhos e morriam cedo (Erika - vídeo Mudança de estado).

Esse sentimento de inferioridade também era produzido pelas práticas escolares por elas vivenciadas, marcadas por processos no qual uma educação de fato inclusiva, e que levasse em conta as especificidades surdas, não lhes era garantida. Nesse sentido, Graciele M. Kraemer (2017, p. 94), ao fazer um resgate sobre as políticas de educação para as pessoas com deficiência no Brasil, ressalta que “[...] as ações voltadas para a integração das pessoas com deficiência estavam pautadas em práticas normalizadoras que objetivavam capacitar esses sujeitos para o convívio social”. Essas ações, muito mais do que pensar nos processos de aprendizagem, eram pautadas em práticas de correção que tinham por objetivo que se alcançasse um padrão, que no caso dos surdos era o padrão ouvinte. Esse modelo de educação, evidenciado em diversos relatos das três professoras aqui apresentadas, produziu um sentimento de incompletude, que perdurou e afetou diversas áreas da vida, deixando evidente o quanto os processos de exclusão eram acentuados.

A falta de representatividade, ou de pares surdos com quem pudessem compartilhar experiências na escola, fazia-lhes tentar se encaixarem em lugares que não lhe serviam, a fim de se sentirem mais integradas e mais próximas do padrão que lhes era imposto. Submetidas à hegemonia cultural ouvinte, as pessoas surdas por vezes anulam sua identidade em busca de uma aceitação que, em muitos casos, como no relato da Bianca, só as insere no ambiente, mas sem reconhecer e valorizar as suas diferenças.

Sei que participei de um minicoral da turma, cantei música sem saber a letra, o significado e sem soltar a voz. Mas, quando eu soltava a voz, alguém sorria ou ria, e assim me fazia calar e continuar atuando. Quando eu estudava nas séries iniciais, não se falava em inclusão, e sim em integração (Pontin, 2021, p. 20).

Ao surgir a pergunta sobre as marcas de uma escolarização que sempre lhe dizia que demorava mais para aprender, Erika responde que são marcas que existem até hoje, apesar de toda superação. Essas feridas, abertas desde a infância, tornaram-se apenas marcas no momento em que a sua família aceitou a sua mudança para o Rio Grande do Sul, quando, segundo ela, sua vida mudou.

No relato a seguir ela conta como descobriu a possibilidade de cursar uma graduação e como foi o processo até a sua família apoiar a sua decisão de mudar de estado em busca de dar continuidade a seus estudos:

Em janeiro de 2000 teve um congresso em Maceió e foi onde eu conheci o Ricardo Sander. Ele contou sobre o funcionamento de escola de surdos, que tinha desde o ensino básico até o ensino médio, falou sobre surdos na faculdade e eu pensei 'Surdos na faculdade? Eu não acredito!'. A fala dele mudou meu caminho. No final do evento fui falar com ele e perguntei mais sobre a escola Concórdia. Ele gentilmente me passou o contato da escola e de noite eu já fui falar com meus pais. 'Lá no Sul? Extremo sul do país?'. E eu tentando explicar que o Ensino Médio não bastava pra mim. Eu queria fazer faculdade também. Eu já estava nervosa, pedindo a Deus para que me ajudasse, pois eu sofri todo meu Ensino Fundamental. Fui até a oitava série sem suporte nenhum. Tive que ficar insistindo que eu queria muito, pois ninguém da minha família apoiava. Tive que falar muitas vezes que era algo muito importante pra mim. [...] Levei meus pais para conversar com o Ricardo e, ouvindo dele, eles levaram mais a sério (Erika - vídeo Mudança de estado).

Erika e Camila viajaram ao Rio Grande do Sul em busca de ensino de qualidade, mas essa jornada se revelou muito mais do que a busca por conhecimento. A educação, sob a perspectiva da diferença linguística, não apenas as enriqueceu academicamente, mas também as empoderou e libertou. O estado se tornou um refúgio afetuoso e acolhedor, onde a diferença linguística era celebrada.

Erika, vinda de escolas oralistas em Maceió, enfrentou inseguranças antes de encontrar em Porto Alegre, na escola Concórdia¹⁶, um ambiente onde a Libras era a língua primária. Essa mudança proporcionou-lhe confiança e conforto, tornando a escola um lugar acolhedor. O reconhecimento de sua língua primária e a comunidade acessível fortaleceram sua identidade surda. A educação se tornou uma ferramenta emancipatória e um meio de abraçar suas identidades surdas com orgulho e confiança.

Quando minha mãe me falou que aqui no Rio Grande do Sul tinha faculdade, ULBRA, intérprete, aquilo tudo se ampliou e eu pensei na hora 'Eu quero isso pra mim agora', e valeu muito a pena essa mudança. [...] Se eu tivesse ficado lá eu nem sei dizer como seria a Camila de hoje. Talvez eu tivesse um trabalho bem simples, uma vida ruim, sem condições financeiras de ter uma família (Camila - vídeo Mudança de estado).

O acesso à universidade, no entanto, nem sempre foi uma realidade para as pessoas surdas, que em instituições privadas por vezes tinham que, além de pagar a mensalidade normal do curso, custear intérprete particular. Na ULBRA não era necessário pagar intérpretes, mas o aumento na demanda sobrecarregou o sistema, resultando em estudantes surdos fazendo menos disciplinas.

Na UFRGS, ainda hoje os surdos vivenciam situação semelhante, uma vez que não há intérpretes suficientes para atender à crescente demanda com a presença de surdos na graduação, pós-graduação e na docência universitária. Cabe salientar que a vida acadêmica é muito maior do que apenas a sala de aula, assim intérpretes são necessários por exemplo em reuniões de departamento, atividades de pesquisa e extensão, bem como eventos de diferentes ordens na universidade.

16

A escola especial ULBRA Concórdia, que possuía turmas de Educação Infantil até os anos finais do Ensino Médio, foi referência na educação bilíngue de surdos no Brasil. A instituição, pioneira no ensino de Libras na América do Sul, que estava em funcionamento há mais de 50 anos, fechou no final de 2020 por falta de recursos.

Por outro lado, há relatos, como o de Bianca, apresentado a seguir, que destacam o valor do acesso ao conhecimento acadêmico, o que só é possível graças à presença da Libras nesse ambiente.

Foi ali que aprendi como me identificar perante o mundo numa perspectiva socioantropológica cultural de forma mais ampla. Entendi que, ser surda, é diferente de ser deficiente auditiva, e que isso é um direito à vida, um outro modo de ser, uma coisa boa. Curei-me da deficiência (Pontin, 2021, p. 23).

A possibilidade de olhar criticamente para a sua própria identidade, agora criando sua própria narrativa, onde são protagonistas, fortalece-as. A academia proporciona um ambiente de empoderamento, no qual o contato com outros surdos, e também com pesquisas que embasam pensamentos que os olham a partir de uma nova perspectiva, retira-as do local de inferiorização que os processos de escolarização as colocaram e as elevam a um ambiente que proporciona prazer e realização pela aprendizagem. Esse argumento é reforçado pelo artigo *Minha língua, minha história, meu processo de escolarização: narrativas de si e docentes surdos* (Da Rocha; Fagundes, 2019, p. 15).

A universidade foi para eles a realização de vários sonhos, uma vez que estavam vivenciando o Ensino Superior, socializando, interagindo e compartilhando experiências entre pares que se compreendiam pela língua, numa relação de autonomia linguística e acadêmica. Depois de tanto tempo dependentes de ajuda dos colegas, da 'piedade e/ou incompreensão' do professor, finalmente os professores surdos se sentiam protagonistas de sua formação.

Camila, que chegou ao Rio Grande do Sul tendo a fala oral como principal forma de comunicação, comenta sobre o encantamento de ter surdos em diversos cursos, todos sinalizando, quando veio estudar na ULBRA. Sua fluência em Libras, segundo ela, mesmo na fase adulta, deu-se de maneira natural, enquanto conversava com amigos e colegas surdos:

Eu era muito oralizada e depois que eu fiz um curso de língua de sinais eu fui lendo e aprendendo. Comecei a namorar e meu namorado dizia 'Pra quê fazer curso de Libras? Conversa com outros surdos e você vai adquirindo a língua'. Então cancelei o curso e fui bater papo (Camila - vídeo Mudança de estado).

Ainda sobre a sua experiência com a língua de sinais, no vídeo Mudança de Estado, em que atuava como mediadora, Camila produz uma metáfora, na qual afirma que a língua de sinais possibilita a liberdade, funciona como uma chave que abre uma gaiola e com isso os pássaros (os surdos) podem voar livres, o sofrimento, a angústia, presa no âmagô do sujeito, dispersa-se.

A metáfora produzida pela docente é fortalecida quando pensamos que é justamente através da Libras que os surdos afirmam o seu espaço no ambiente universitário. A presença surda é, portanto, destacada por uma presença de língua e não por uma ausência de sentidos.

Sobre esse aspecto, destacamos uma frase de Bianca, proferida a uma fonoaudióloga, quando ela questiona sobre quando Bianca teria perdido a audição. A frase nos auxilia a pensar sobre o quanto ser surdo não tem relação estrita a uma perda, mas a um modo de existência:

'Quando tu perdeu a audição?' Respondi: 'nasci!'. Ou seja, eu não perdi. Ela ficou pensativa e depois disse que gostou da resposta. Pois é, nasci assim. Sou surda! (Pontin, 2021, p. 26).

Embora não exista uma perda intrínseca a ser surda, os modos como a sociedade lida com a surdez podem acarretar em prejuízos. Para os que conseguem ingressar na universidade, por exemplo, muitas vezes há o peso de carregar consigo um ensino disfuncional que, como no caso da Erika, durou 16 anos. Esses sujeitos adentram o ambiente universitário em condições iniciais de desigualdade,

com as inseguranças e dificuldades, de terem tido um processo de escolarização em que suas capacidades eram colocadas em dúvida, impressas em seu ser.

O processo escolar vivenciado, as experiências ao longo da vida também afetam as escolhas profissionais, e até mesmo temáticas de pesquisa e caminhos traçados na vida universitária, seja como discentes ou docentes. Ser professora surda em uma universidade, lugar em que se produz conhecimento sobre a educação de surdos, a língua de sinais, e até mesmo sobre o próprio sujeito surdo, gera impactos que são possíveis de serem vistos de maneira mais imediata, com a produção de cada vez mais estudos e projetos de extensão acerca desses temas (os materiais que compuseram as análises deste artigo são exemplos disso). Ter a presença surda no ambiente universitário, sobretudo em uma faculdade de Educação, no entanto, pode trazer efeitos para além desse espaço, pode também afetar a vida das próximas gerações surdas, uma vez que cada vez novos docentes vêm sendo formados tendo contato com docentes surdos e com a língua de sinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho contribui para a compreensão da recorrência da exclusão ao longo da jornada das pessoas surdas. Ao observarmos o ambiente educacional, tanto no Ensino Básico quanto no Ensino Superior, a presença de alunos e professores surdos destaca como esses processos de exclusão se manifestam na interrupção do percurso educacional e nas barreiras que dificultam o acesso à universidade.

Nas histórias narradas é possível perceber a importância da representatividade, que as guiou para uma vida cheia de possibilidades e empoderamento. Ter acesso à comunidade surda revelou a extensão das possibilidades e horizontes que poderiam alcançar, transformando suas narrativas de vida. Isso foi possível graças a condições favoráveis e à busca incansável por inclusão social. Ao conhecer mais as histórias das docentes citadas, é impossível não pensar quem são as pessoas que não chegaram onde elas estão e o que esses sujeitos poderiam ser se a língua de sinais jamais lhes tivesse sido negada (Ladd, 2013). O quão justa é uma sociedade onde alguns estão no posto de docentes de uma das universidades mais qualificadas do País, enquanto outros sequer sabem da existência dessa possibilidade? Além do que isso significa para o ser individual, também há perdas em relação ao coletivo, que está deixando de ter profissionais qualificados que poderiam estar desenvolvendo produções culturais e científicas enriquecedoras para a sociedade como um todo (Pokorski, 2020).

Para alcançar a igualdade, é fundamental respeitar a educação bilíngue e inclusiva, garantindo a acessibilidade não apenas do ambiente escolar, mas também em toda esfera social. Esse reconhecimento se dá, por exemplo, com a presença de intérpretes em número suficiente para o atendimento da demanda das docentes surdas nos mais diversos âmbitos da vida universitária.

Concluimos este texto com a esperança de que mais relatos de vidas surdas sejam compartilhados. Que essas mãos, que se comunicam por meio de sinais, continuem a moldar novas formas de ser docente, ampliando o espaço para que as epistemologias surdas sejam divulgadas e reconhecidas.

REFERÊNCIAS

DA ROCHA, Simone Maria; FAGUNDES, Isabelle Pinheiro. Minha língua, minha história, meu processo de escolarização": narrativas de si de docentes surdos. **The Specialist**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 1-20, 2019.

FACED UFRGS. **Quartas Online na FACED**: Presenças Surdas na UFRGS: conquistas, desafios e sonhos. YouTube, 29 de setembro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yK9StbK9crA&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=9&t=844s. Acesso em: 09 fev. 2022.

HOLCOMB, Thomas K. Compartilhamento de informações: um valor cultural universal dos surdos. *In*: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Ed.). **Cultura Surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Editora da Ulbra, 2011, p. 139-149.

KRAEMER, Graciele Marjana. **A modulação das condutas das pessoas com deficiência no direito à escola comum brasileira**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LADD, Paddy. **Em busca da Surdidade**: colonização dos surdos. Tradução Sintagma; Mariana Martini. [s.l.] : Surd`Universo, 2013. v. 1

LIBRAS UFRGS. **Setembro Azul**: Experiências do cotidiano. Youtube, 17 de novembro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2_FWbNBUzHA&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=5&t=2914s. Acesso em: 22 fev. 2022.

LIBRAS UFRGS. **Setembro Azul**: Experiências em contexto acadêmico. YouTube, 10 de novembro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VccBnEZChn0&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=2&t=2220s. Acesso em: 21 fev. 2022.

LIBRAS UFRGS. **Setembro Azul**: Os surdos e o mundo. YouTube, 29 de novembro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2_FWbNBUzHA&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=5&t=2914s. Acesso em: 23 fev. 2022.

LIBRAS UFRGS. **Mudança de estado**: Na busca de uma educação em língua de sinais como L1. Vídeo com Camila Guedes Guerra e Erika Vanessa de Lima Silva. YouTube, 04 de outubro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2_FWbNBUzHA&list=PLvPjZ_LPBI1j0ts6JORki4QLo2Ua5jiuR&index=5&t=2914s. Acesso em: 04 de outubro de 2021.

LIBRAS UFRGS. **Mudança de estado:** Na busca de uma educação em língua de sinais como LI. Vídeo com Camila Guedes Guerra e Erika Vanessa de Lima Silva. YouTube, 18 de outubro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jkkh_GtN9RE&list=PLvPjZ_LPB1j0ts6JORKi4QLo2Ua5jiuR&index=6. Acesso em: 18 out. 2021.

LOPES, Luciane Bresciani. **Emergência dos estudos surdos em educação no Brasil.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MEDEIROS, Luciana Rodrigues. **Trajetória de professoras surdas:** de tornar-se surda à docência no Ensino Superior. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. **Narrativas Surdas e Percursos Acadêmicos.** 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. **Narrativas docentes sobre alunos surdos com implante coclear em escolas de surdos.** 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

REIS, Flaviane. **A docência na educação superior:** narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos. 2015. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 2019. v. 1.

VAZ, Cristiano P. Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS 1998 - 2020). Vídeo com Bianca Ribeiro Pontin e Camila Guedes Guerra. **YouTube**, 06 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G2jCw61ex1g>. Acesso em: 25 fev. 2022.

VAZ, Cristiano P. Diálogo com surdos pesquisadores: produções surdas na UFRGS (1998 - 2020). Vídeo com Camila Guedes Guerra, Claudio Henrique Nunes Mourão e Erika Vanessa de Lima Silva. **YouTube**, 23 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=keFxlmjkiJo&t=1817s>. Acesso em: 16 fev. 2022.

VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa; LOPES, Maura Corcini. Apresentação da Seção Temática - Educação de Surdos: desdobramentos filosóficos, linguísticos e pedagógicos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 635-638, 2016.